

O EVANGELHO DO PADRE COMBLIN

*José Artur Tavares de Brito (Artur Peregrino)**

Resumo

Este artigo tem o objetivo de fazer uma aproximação do Evangelho segundo Marcos com a vida do Padre Comblin, como também relatar as últimas palavras do Padre Comblin acerca do Caminho e de como fazer para continuar a fidelidade no seguimento de Jesus. O ponto de partida para sua elaboração foi o encontro entre o Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste – GPPN e o Padre Comblin, alguns meses antes de fazer sua passagem, ocorrida no dia 27 de março de 2011. O método utilizado foi o etnográfico, que possibilitou a vivência, a observação, bem como a descrição detalhada de peregrinação com o GPPN (utilizando o Diário de Peregrinação) e o encontro com o Padre Comblin, ocorrido na peregrinação à beira do Rio São Francisco, em julho de 2010. Identificou-se o Padre Comblin como grande amigo do povo peregrino e por isso muito carinhoso conosco que fazíamos peregrinações pelo Nordeste. Chamou-nos a atenção o testemunho da sua vida, correspondendo à eficácia evangélica, na luta para melhorar as condições de vida do povo; a gratuita presença solidária no meio popular gerando processos libertadores, alimentando e dando consistências às lutas econômicas e políticas.

Palavras-chave: *Ensinaamentos. Peregrinações. Missão. Profetismo. Esperança e amor.*

Abstract

This article aims to do an approximation of the Gospel according to Mark with the life of the priest Comblin, and also to report the last words of the priest Comblin about the Way and how to continue the loyalty in the follow of Jesus. The starting point for its development was the meeting between the “Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste – GPPN” and the priest Comblin, few months prior to his passing, which occurred on March

* Mestre em Antropologia pela UFPE, Prof. do curso de Teologia na Unicap e integrante do Instituto Humanitas Unicap; pesquisador do Grupo de pesquisa UNICAP/CNPq Religiões, identidades e diálogos, na linha de pesquisa Diálogos inter-religiosos. Email: arturperegrino@gmail.com

27, 2011. *The method used was the ethnographic one, which allowed the experience, observation, as well as a detailed description of pilgrimage with the GPPN (using the “Diário de Peregrinação”) and the meeting with the priest Comblin occurred in the pilgrimage on the borders of Rio São Francisco, in July, 2010. Priest Comblin was identified as great friend of pilgrim people and therefore very affectionate with us that were doing pilgrimages in Nordeste. What attracted our attention was the witness of his life, corresponding to the evangelical effectiveness in the struggle to improve the living conditions of the people; the free supportive presence in the popular environment generating liberating processes, feeding and giving consistency to the economical and political struggles.*

Keywords: *Teaching. Pilgrimages. Mission. Prophecy. Hope and Love.*

1. Introdução

“A vida que Jesus veio ensinar é bem simples. Mas essa simplicidade é, para nós, a cidade colocada em cima do monte, da qual nos aproximamos sem nunca poder atingi-la, mas com a esperança de finalmente alcançá-la um dia, após a presente Caminhada” (COMBLIN, 2005, 226).

Pessoalmente tive oportunidade de conviver com o Padre Comblin como meu professor de teologia no Instituto de Teologia do Recife e como inspirador e apoiador do Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste. Inclusive vários membros do Centro de Formação Missionária de Serra Redonda fazem parte dessa experiência itinerante pelo Nordeste.

Escutar o Padre Comblin falar sobre o caminho foi uma bênção. Em 2005, ele tinha escrito um belíssimo livro com esse tema “O Caminho. Ensaio sobre o seguimento de Jesus”¹. Em outras ocasiões, falei com ele para nos ajudar a refletir sobre o caminho nos dias atuais. Ele dizia: “o meu caminho já está chegando ao final. Se não for logo [prenunciando sua páscoa, admitia a possibilidade de fazermos encontro com a irmã Mônica, pois já estaria com o Pai], vocês se encontrarão com Mônica”².

Para escrever este relato usei o método etnográfico. A etnografia consiste no estudo de um objeto por vivência direta da realidade onde este se insere. Com este método procurei descrever o mais detalhado possível o que observei na vivência com o Padre Comblin a partir de sua fala. Percebi que existe uma grande riqueza

1. COMBLIN, José. *O Caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2005.

2. Nossa irmã, a querida Mônica Muggler, foi um verdadeiro anjo da guarda do Padre Comblin durante muitos anos.

quando procuramos entrar no mundo do outro para extrair elementos de elucidação da realidade pesquisada.

Durante toda peregrinação pelo Rio São Francisco procurei seguir o mesmo método. Sempre partindo da realidade das comunidades ribeirinhas. Naturalmente fizemos um trabalho de campo a partir das anotações no Diário da Peregrinação. A conversa com o Padre Comblin foi o início, o pontapé para começar.

Gostaria de dar voz ao poeta neste início de conversa. Chamo um amigo de Comblin que se referiu naturalmente a um profeta da libertação como ele da seguinte maneira:

Eu morrerei de pé como as árvores.
Me matarão de pé.
O sol, como testemunha maior, porá seu lacre
sobre meu corpo duplamente unguido.

E os rios e o mar
serão caminho
de todos meus desejos,
enquanto a selva amada sacudirá, de júbilo, suas cúpulas.

Eu direi as minhas palavras:
– Não mentia ao gritar-vos.
Deus dirá a meus amigos:
– Certifico
que viveu com vocês esperando este dia.
De golpe, com a morte,
minha vida se fará verdade.

Por fim terei amado!

(CASALDÁLIGA, 2009).

2. Padre Comblin: o mestre que ensina a partir do Evangelho segundo Marcos

Parece que um dos Evangelhos preferidos de Comblin era o de Marcos. Talvez seja porque o Evangelho segundo Marcos começa com uma frase na qual se condensa toda a proposta do texto: “Princípio do Evangelho de Jesus Messias, Filho de Deus”. Isto quer dizer que com Jesus tem seu princípio, isto é, seu começo e seu fundamento, o acontecimento da Boa-Nova do Reino de Deus (1,14-15).

O ensinamento de Comblin era exatamente que os discípulos do Mestre deverão levar adiante a mesma Boa Notícia. Deverão reinventar o cristianismo, olhando sempre para o Evangelho da estrada. O Evangelho da estrada nos ensina

que a Boa Notícia de Jesus tem a dinâmica dos pobres, pelos pobres, a partir dos pobres, por meios pobres. Puro serviço, sem ressaibos de dominação, confiança posta unicamente em Deus, cujo Reino não vem à maneira dos poderosos, mas sem aparato, nem barulho, na humildade (Mc 11,1-11) e no silêncio (Mc 4,26-30).

O caminho. A partir do capítulo 8, Jesus começa uma grande caminhada com seus discípulos em direção a Jerusalém. Até o capítulo 8, Jesus desenvolve sua atividade missionária. A atividade missionária na Galileia, região que é desenhada por Marcos como espaço simbólico de realização da missão (1,14; 16,7). Jesus ensina por sua maneira de agir (1,21-28). Em torno dele se reúnem discípulas e discípulos.

Podemos fazer um paralelo com a vida do Padre José Comblin. Veremos que ele foi alguém que ensinava com seu testemunho. E com o seu jeito de viver o Evangelho arrastava muita gente. O evangelista Marcos relata de Jesus: são as pessoas que “mudam de vida e creem no Evangelho” (1,15), saem do mar, “deixam as redes e o seguem” (1,18), “levantam-se e se põem a servir” (1,31; cf. 2,13-14), são “quem faz a vontade de Deus” (3,35). Na missão de Comblin podemos elencar inúmeras obras que ele criou para que a justiça do Reino acontecesse.

Já a partir do capítulo 8, Jesus começa uma grande caminhada com seus discípulos em direção a Jerusalém. O centro da sua prática desloca-se agora da casa para o caminho. Jesus vai ensinar agora por sua caminhada (cf. 8,31). E os seus ensinamentos criaram muitos conflitos. E esses conflitos se aprofundam no momento culminante do enfrentamento de Jesus com os sistemas de convivência de sua sociedade, e não por acaso no Templo de Jerusalém, espaço oficial por excelência. Sabemos ser o Templo o centro simbólico de todo sistema: é o tesouro, é a mais alta instância de Governo, é a suprema legitimação religiosa. Economia e política e religião aí se concentram para reger as relações sociais. Ao chegar ao centro do sistema, Jesus corajosamente denuncia sua perversão: a idolatria.

Comblin nem sempre era compreendido em suas posições. Considero que ele vivia uma espiritualidade do conflito, como Jesus. “O tempo já se cumpriu, e o Reino de Deus está próximo. Convertam-se e acreditem na Boa-Nova” (Mc 1,15).

Vale recordar que o Padre Comblin nos disse:

“Deus revelou-se a Abraão, ordenando-lhe: ‘Vai...’, Ele e Sara, sua mulher, obedientes à voz do Senhor, partiram e fizeram-se, a partir daquele momento, os primeiros peregrinos da fé e da promessa. Outros lhe seguiram os passos! Hoje estamos nós nessa mesma jornada”³.

3. Palavras do Padre Comblin sobre o ser peregrino, in: PEREGRINO, Artur (Org.). *Diário da Peregrinação do Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste – GPPN*. Peregrinação de Bom Jesus da Lapa para Ibotirama, BA. Caminhada beirando o Rio São Francisco, 2010, p. 7.

3. Quem é o Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste

“Pra que vocês vão pedir licença ao Padre ou ao bispo? Vocês só vão fazer eles perderem tempo e vocês irão perder o tempo de vocês também”⁴.

É importante saber quem foram estes interlocutores que estiveram com o Padre Comblin. É conveniente relatar brevemente quem é este grupo chamado Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste (GPPN). Vejamos o que o grupo diz de si mesmo (PEREGRINO, 2010):

Quem somos? Somos um grupo em torno de 30 cristãos, mulheres e homens, na sua maioria leigas e leigos. Alguns casados e outros solteiros de diferentes Estados do Nordeste. Cada membro do grupo vem de uma experiência de comunidade cristã ou não. Nos caracterizamos como um grupo ecumênico que tenta viver o sonho de Jesus: ‘que todos sejam um’ (Jo 17). Procuramos viver a partir da realidade dos pobres do Nordeste procurando identificar o que é de Deus e o que não é de Deus.

O que fazemos? Caminhar a pé pelo Nordeste do Brasil, tendo como objetivo central viver uma experiência de Deus na estrada tendo presente a gratuidade do Reino e a eficácia histórica. De onde iniciamos a peregrinação só andamos a pé, não recebemos e carregamos dinheiro e não carregamos comida. Em cada lugar que chegamos procuramos visitar as pessoas para escutá-las e juntos nos esforçamos para seguir Jesus que, a exemplo do Servo de Isaías (52,13–53,12), assumiu os conflitos e não se fez Senhor, mas se esvaziou até a morte de cruz e hoje vive ressuscitado no nosso meio.

Qual objetivo? Procuramos viver a misericórdia de Deus no meio dos pobres acreditando que ‘o mundo será melhor quando o menor que padece acreditar no menor’. Para cada peregrinação elegemos alguns objetivos específicos a partir de cada realidade visitada.

Procuramos viver uma experiência de Deus no meio do povo. Aconselhava-nos, o saudoso Padre José Comblin (COMBLIN, 2010): “nessa caminhada vocês devem alimentar a esperança do povo. Não devem deixar a esperança do povo morrer”. Por isso em cada peregrinação procuramos encontrar as crianças, os jovens, homens e mulheres e de modo especial os que mais sofrem.

É nesse sentido que procuramos sacudir a instalação e o marasmo que, muitas vezes, se perpetuam com formas tristes de individualismo e desamor na sociedade e no meio do próprio povo pobre.

4. Palavras de Comblin proferidas no encontro com o GPPN sobre o fato de, o grupo, em suas peregrinações, pedir autorização a bispos e padres.

A celebração, a presença de Jesus Cristo que é um Deus todo-poderoso no amor, faz parte integrante da caminhada. A cada dia tem uma celebração de fé com a comunidade visitada, como também respeitamos dois momentos de oração no interno do grupo que caminha.

Em uma Carta Peregrina (que é recebida por cada peregrino) de maio de 2013 concluía sua reflexão com a seguinte mensagem:

“A peregrina e peregrino deixam-se impregnar pelo caminho. E espera os sinais do caminho. Observa, vive e escuta as coisas ao seu redor. Não vá correndo atrás do que já está lá. Espere, dê um tempo, dê-lhe o tempo para gradualmente revelar-se em você. A sua solidão pelo caminho une você ao vento nas árvores, à chuva, ao movimento dos pássaros. Você é testemunha do Criador e observa-o em toda a sua criação. Na peregrinação não é preciso abrir a Bíblia porque ela mesma abre a Bíblia para a peregrina e o peregrino”.

Escutamos essa frase na peregrinação de Paulo Afonso a Canudos do Conselheiro. Isso demonstra o aprendizado que fazemos pelo caminho. A peregrinação não nos pede feitos heroicos, mas nos ensina que o meu caminho para Deus está nas coisas pequenas e cotidianas. Se não encontro Deus, aqui e agora, em minha casa, na minha rotina diária é inútil procurá-lo em qualquer outro lugar. Mesmo que você ande mil léguas. Os místicos peregrinos procuram viver o extraordinário de Deus no ordinário da vida.

O caminhar peregrino vai por aí. A peregrinação nos ensinou que Deus está sempre procurando nos agradar [...] sempre preparando pequenas surpresas e espalhando-as sobre nós, quando menos as esperamos⁵.

O Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste (GPPN) faz uma peregrinação por ano há quase três décadas. Durante esse tempo já percorremos inúmeros lugares significativos da vida do povo nordestino. Tudo começou com uma peregrinação de Pernambuco às terras do Juazeiro do Padre Cícero, CE (1986). Depois vieram Serra da Barriga de Zumbi, AL; as Casas de Caridade do Padre Ibiapina (vários Estados); Santuário de Bom Jesus da Lapa, BA; as Ligas Camponesas com João Pedro Teixeira, PB. A partir daí não paramos mais de caminhar. A cada ano voltamos para a estrada. Sempre lembrando uma figura significativa de lutas libertárias do povo pobre e elegendo uma região para lá caminhar. Como foi o caso da Zona da Mata, com o povo da cana que sofreu com as enchentes; o Rio São Francisco, com o polêmico tema da transposição, fomos lá conversar com os ribeirinhos, e assim por diante.

5. BARROS, Marcelo; PEREGRINO, Artur. *A Festa dos Pequenos: Romarias da Terra no Brasil*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 162.

Como são feitas as caminhadas? A peregrinação é feita a pé. Não se leva dinheiro nem comida pelo caminho. Nossa prioridade são os mais pobres de cada região. Queremos viver uma experiência de gratuidade e eficácia histórica. Somos um grupo, em torno de 30 membros. Mulheres e homens que se colocam na estrada a serviço dos demais. Somos cristãos de várias igrejas. O centro de nossa espiritualidade é viver uma experiência de Deus no meio do povo mais distante.

4. O contexto do encontro com Padre Comblin

É bom escrever as impressões pessoais da caminhada que vocês fazem. Não perder a vivência de uma experiência tão rica⁶.

Era 04 de julho de 2010. O Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste estava em Bom Jesus da Lapa para iniciar uma peregrinação anual beirando o Rio São Francisco. Lá encontramos o Padre Comblin participando da 33ª Romaria da Terra e da Água, organizada pela Comissão Pastoral da Terra (CPT).

Este artigo quer ser um eco do que ouvimos de Comblin. Ele falava particularmente para o Grupo de Peregrinas e Peregrinos sobre o tema do Caminho. Conversa já prometida há algum tempo.

Após termos participado das atividades da Romaria da Terra no Santuário de Bom Jesus da Lapa combinamos que passaríamos o dia juntos para escutá-lo sobre os novos caminhos. E assim estávamos todos ansiosos para esse encontro.

O encontro foi em um salão anexo à casa dos padres redentoristas que tomam conta do Santuário. Preparamo-nos para esse encontro único com o patriarca da Teologia da Libertação Latino-americana. Nesse dia, 04 de julho de 2010, tivemos a alegria de contar com o apoio e a presença da Irmã Mônica Muggler e do então bispo da diocese de Barra na Bahia, Dom Frei Luiz Cappio⁷.

Convidamos você para uma peregrinação pelas terras baianas, encontrando figuras ilustres da luta do povo. Por isso, antes de escutar o Padre Comblin, gostaríamos de partilhar algumas palavras que o amigo de Comblin, Dom Frei Luiz Cappio, bispo da diocese de Barra, dirigiu para nós. O Padre Comblin ficou conosco todo tempo e escutava.

Como o nosso ritmo era de peregrinação, partilho como forma de breve introdução à fala do Padre Comblin, feita pelo bispo franciscano⁸:

6. Conselho de Comblin sobre a importância de se escrever impressões pessoais das peregrinações. In: PEREGRINO, Artur (Org.). *Diário da Peregrinação do Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste* – GPPN, p. 12.

7. É um bispo franciscano da Ordem dos Frades Menores (OFM).

8. Informação verbal. Cf. (PEREGRINO, 2010).

- *Vocês vão encontrar comunidades muito simples e vão constatar que a vida do povo é a vida do rio, do irmão rio. Nestes próximos dias vocês vão viver com o rio e com o povo do Rio São Francisco.*
- *Vocês são um grupo que fala de Deus. Haverá uma grande identificação com o povo porque é um povo que caminha para Deus. É um povo extremamente religioso.*
- *É um povo que também recebe muita influência da televisão, por isso é muito importante o testemunho que vocês irão dar à juventude. A juventude gosta dessas iniciativas e vai se sentir convidada a participar.*
- *É importante na passada nas comunidades falar da vida do Rio São Francisco. Fale para o povo que a vida depende do Rio. Uma ideia boa seria plantar uma árvore em cada comunidade por onde vocês irão passar. Isso porque a mãe árvore é mãe do Rio.*
- *Na peregrinação, vocês terão oportunidade de trabalhar a cultura em relação ao trato com o Rio São Francisco. Na realidade, vocês estão fazendo o que é mais importante, que é ir in loco conversar com as pessoas, com os ribeirinhos.*
- *Sobre o jejum que fiz, digo que fizemos com muito espírito de oração e foi um grito dado na hora certa. O primeiro jejum foi de 11 dias e o segundo de 24 dias. A partir dele houve uma mobilização do movimento social. Foi um grito que mobilizou comunidades do mundo inteiro.*
- *Quando alguém aponta o dedo, aí o sabiozinho vai olhar na direção que o dedo está apontando e os tolos olham para o dedo. Queria deixar esse pensamento chinês para vocês perceberem que a direção do dedo são os quilombos, os ribeirinhos...*
- *Sobre a transposição – concluía ele – a mentira vale até que a verdade chegue. A própria construção da transposição mostra isso. Vejo que a tal transposição vai beneficiar os grandes. Fico indignado quando vejo reportagens na televisão mostrando as comunidades carentes, aquelas mães de família chorando com lata d'água na cabeça e as criancinhas com sede. O governo é culpado por essa situação, porque optou não em levar água para o povo, mas em garantir água para os projetos econômicos.*
- *Meus irmãos, os bispos do Nordeste foram ingênuos e se deixaram levar pela propaganda oficial do governo. Olhavam nossa postura com desconfiança. Mas, na medida em que a obra foi sendo implementada, trazendo tantos absurdos sociais e ambientais, diversos deles chegaram ao conhecimento da verdade e mudaram de opinião em relação à transposição do Rio São Francisco. (Informação verbal)*

5. O que escutei do Padre Comblin...

“Eu estou no final da vida. Tive o privilégio de conhecer de perto e de participar da vida de grandes profetas e também de muitos pequenos profetas, homens e mulheres, que não entraram oficialmente na história. Desejo que muitos jovens possam fazer a mesma experiência”⁹.

Padre Comblin ou Padre Zé, como o chamava o povo pobre de sua convivência, partiu em peregrinação definitiva no dia 27 de março de 2011. Nosso último encontro com Padre Comblin se deu na peregrinação, precisamente no dia 04 de julho, de 2010. Foi em Bom Jesus da Lapa. Passamos um dia com Comblin. Era o mês de julho de 2010. Foi um deleite escutar suas palavras dirigidas ao GPPN. Partilhamos a fala livre do Padre Comblin para todos nós¹⁰:

– *O caminho foi o primeiro nome da Igreja. O caminho foi, com certeza, um dos primeiros nomes que os cristãos deram à sua nova vida de convertidos a Jesus. Para eles a vida nova era um caminho novo, e o que Jesus lhes pedia era que o seguissem nesse caminho.*

– *Isso foi durante 200 anos. Jesus nunca visitou uma cidade. Perto de Nazaré tinha uma cidade chamada Séforis. Dava uma hora de Nazaré, mas Jesus nunca foi lá. Só foi em Jerusalém para morrer. Um profeta tinha que morrer lá.*

– *Jesus inseriu-se na religião de Israel, mas a rejeitou e por isso foi morto como herege e traidor da sua religião. Uma religião é um sistema de crenças, ritos, preceitos morais e instituições dirigidas por um corpo especializado. O seguimento de Jesus é uma coisa e religião outra. O seguimento de Jesus não é produzido por nenhuma cultura e pode ser vivido em todas as culturas. A religião é a parte mais visível da Igreja, e, por isso, pode ocultar o principal, que é o caminho. Cuidado para não confundir Reino de Deus com instituições eclesiais. Porque, se não, não teremos sentido para a esperança.*

– *Jesus foi o sinal de esperança. A sua caminhada pelas aldeias da Galileia despertou uma fermentação de entusiasmo e de esperança. É urgente ir para a “Galileia”. Quem faz isso torna-se sinal de esperança. Ter fé é acreditar no caminho de Jesus e tornar-se, como Ele, sinal para os desesperados.*

– *Como falar em esperança para os vencidos que já fizeram tantas experiências de desilusão? Aos que se sentem tão fracos é preciso ensinar que a força de Deus está com eles para suprir.*

9. PEREGRINO, Artur (Org.). *Diário da Peregrinação do Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste – GPPN*, p. 15.

10. Informação verbal. Cf. (PEREGRINO, 2010).

– Os primeiros ministros servidores depois dos apóstolos eram profetas que iam de um lugar para outro falando de Jesus. O central era o anúncio do Reino de Deus. Não vem para mandar, mas para erguer os pobres.

– O que faz um discípulo de Jesus é acreditar na possibilidade de um mundo novo e trabalhar para que isso aconteça. O discípulo de Jesus não pretende destruir os desejos, mas não orienta as energias vitais no sentido dos desejos. Concentra suas energias na aspiração a um mundo novo.

– Qual é o final do caminho? Uma geração não é suficiente. Cada um toma uma parte do caminho. Cada um do seu jeito. Do jeito que pode. Na modernidade surgiu a expressão: “salva tua alma”. Mas para salvar tem que perder.

– Sobre os peregrinos. Em cada época da história sempre teve peregrinos. Em tempos mais, em outros, menos. No sétimo século havia os monges missionários irlandeses. É uma época em que surgem grandes peregrinações. Santiago de Compostela (uma lenda criada no século IX). Até hoje existe este caminho. Hoje, a cada ano, tem 60 ou 70 mil peregrinos lá.

– Peregrinação a Jerusalém. A romaria da França à Palestina demorava um ano para ir e um ano para voltar.

– O Peregrino Russo. Ele era aleijado do braço. Descobriu o caminho da peregrinação só levando uma bíblia e um pão. Eu traduzi em dois tomos essa obra para a coleção “A Oração dos pobres”, publicada pela editora Paulus.

– A peregrinação é uma representação da vida toda. É encontrar as pessoas. É fazer amizade. É criar laços. Na peregrinação sempre haverá novidade. Sempre se encontra coisas novas. A vida do ser humano se encontra sempre em novidade. As coisas que acontecem, às vezes, mudam a vida toda. A vida é feita de imprevistos. Isso é feito na peregrinação. A caminhada no asfalto não há muita surpresa. Na estrada de barro é sempre novidade. É importante ter presente que hoje, no Brasil, 15% vivem no campo. No futuro, haverá um processo de desurbanização.

– A peregrinação foge da pura repetição. Da monotonia. No campo – interior – as pessoas têm tempo para conversar. No campo se encontra as pessoas e são normais. Humanas. Isso humaniza. São encontros com pessoas humanas. Aqui se dá um processo de humanização.

– Para o cristão enfrentar o mundo atual, é necessário todo dia reservar um tempinho para retomar a caminhada. Isso abre para Deus. Por exemplo, um tempo para fazer um silêncio interior, um exame de consciência.

– É bom escrever as impressões pessoais da caminhada que vocês fazem. Não perder a vivência de uma experiência tão rica. Vocês caminham na

compaixão e educam o olhar. Jesus viveu a compaixão. O relacionamento que ele tinha para com o seu povo era de compaixão. Quase todos os encontros pessoais de Jesus com gente do seu povo foram de compaixão. Bem o diz o evangelho de Mateus: 'Jesus percorria todas as cidades e povoados ensinando nas sinagogas e anunciando a boa-nova do Reino, enquanto curava toda sorte de doenças e enfermidades. Ao ver a multidão, teve compaixão dela porque estava cansada e abatida como ovelhas sem pastor' (Mt 9,35-36).

– É importante definir sua identidade enquanto grupo. Cada grupo de cristãos tem sua inspiração e suas necessidades. Um número pequeno de participantes de 50 a 70 é normal. Já um grupo de 500 pessoas é mais difícil. Escrever uma regra é sempre complicado. São Francisco não queria uma regra. Se há uma regra, haverá discussões sobre a interpretação da regra. Se o grupo é pequeno tudo se resolve com o diálogo. Na medida do possível é melhor fazer as coisas sem estabelecer uma regra. Bom, é só uma opinião.

– Quanto à peregrinação que vocês fazem por todo Nordeste, digo o seguinte: para que vocês vão pedir licença ao Padre ou ao bispo? Vocês só vão fazer eles perderem tempo e vocês irão perder o tempo de vocês também.

– A oração é invocação do nome de Jesus. A peregrinação deveria entrar por aí. É uma forma de oração. Vocês têm oportunidade de viver essa oração. 'Senhor Jesus Cristo, filho do Deus vivo, tende piedade de mim, pecador' [COMBLIN, 2007].

– Penso que com o jeito de vocês na peregrinação gera confiança no meio dos pobres. Se querem que os pobres se tornem sujeitos, será preciso criar muita confiança, porque para eles se trata de uma aventura muito arriscada. Precisa ter ousadia e muito amor. Com a aproximação aos pobres, através do contato verdadeiro se estabelece uma relação de acolhida na comunidade. Já citei outras vezes que, no Chile, o fundador do partido socialista (que depois se transformou em partido comunista, após a Primeira Guerra Mundial), tinha um violão. Todas as noites ele se dirigia às esquinas das ruas populares para tocar violão e cantar canções populares. Primeiro chegavam as crianças, depois, os jovens e, finalmente, os adultos. Então ele começava a dar a sua mensagem. Não adiantava falar antes de ser acolhido na comunidade. (Informação verbal.)

Importante ressaltar, nas peregrinações pelo Nordeste o GPPN caminha levando a tiracolo instrumentos como o berimbau, o pandeiro e violão, com os quais se anima por onde passa.

Comblin nos confirmou no método peregrino missionário. Ao final do dia (e daquele encontro) terminamos com uma oração. Ajoelhados, todos recebemos a bênção de envio do patriarca da Teologia da Libertação. Foi um momento extremamente rico de bênçãos. Obrigado Comblin e Mônica.

6. Conclusão

Padre Comblin foi um grande amigo do povo peregrino e por isso tinha um grande carinho conosco, que fazíamos peregrinações pelo Nordeste. Ele tinha um método profundamente bíblico. Podemos nos inspirar na cena bíblica de Pedro e João que, segundo os Atos dos Apóstolos (3,1-9), devolveram firmeza às pernas de um paraplégico: “Ouro e prata eu não tenho, mas o que eu tenho te dou; levanta e anda!”. O Padre Comblin respondia aos desafios e às perguntas que, ontem e hoje, surgem sobre a situação dos pobres.

A própria vida do Padre Comblin correspondia a esta eficácia evangélica. A eficácia da luta para melhorar as condições de vida do povo no concreto, nas suas necessidades básicas, que dizem respeito à economia. Aí entra a luta pela terra, reforma agrária pelo trabalho digno, pela renda suficiente, pela moradia. A eficácia da luta do povo para construir sua própria organização social e política, como instrumento de sua emancipação. Lembro que Comblin citava muito os exemplos libertários de Calderão – Ceará e Canudos – Bahia, além da experiência vivida no Juazeiro com o fenômeno do Padre Cícero e seus romeiros. E, por último, a eficácia da simples e gratuita presença solidária no meio do povo é que gera processos libertadores, alimenta e dá consistência às lutas econômicas e políticas.

O trabalho de transformação vivido pelo Padre Comblin nos contagiou a todos. Nos inúmeros encontros que tivemos com Padre Comblin nunca se esquecia de perguntar-nos sobre as peregrinações. Pensando nisso, e para finalizar este artigo, lamentando de não ter sido capaz de fazê-lo na linguagem mágica da poesia, desejaria concluir com as magníficas palavras do grande poeta Fernando Sabino, que tanto nos fazem pensar tendo presente a grande figura do nosso Comblin.

Ei-las:

De tudo ficaram três coisas:
A certeza de que estamos sempre recomeçando ...
A certeza de que precisamos continuar ...
A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar ...
Portanto devemos fazer:
Da interrupção um caminho novo,
da queda, um passo de dança,
do medo, uma escada,
do sonho, uma ponte,
da procura, um encontro.
(SABINO, 1985).

Bibliografia

BARROS, Marcelo; PEREGRINO, Artur. *A Festa dos Pequenos: Romarias da Terra no Brasil*. São Paulo: Paulus, 1996.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

CASALDÁLIGA, Pedro. Poesia Eu morrerei de pé como as árvores. *Brasil de fato*: Uma visão popular do Brasil e do mundo. 12 dez. 2012. Disponível em: <<http://http://www.brasildefato.com.br/node/11378>>. Acesso em: abr. 2013.

COMBLIN, José: *O Espírito Santo e a Tradição de Jesus* (obra póstuma). São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012.

_____. *O Caminho*: ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. (Trad.). *Relatos de um Peregrino Russo*. São Paulo: Paulus, 2007. (Coleção Oração dos Pobres).

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

PEREGRINO, Artur (Org.). *Diário da Peregrinação do Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste – GPPN*. Peregrinação de Bom Jesus da Lapa para Ibotirama, BA. Caminhada beirando o Rio São Francisco, 2010.

SABINO, Fernando. Poesia. São Paulo, 1985. Disponível em: <http://www.releituras.com/fsabino_bio.asp>. Acesso em: 12 mai. 2013.